



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

LITERATURA E REPRESENTAÇÃO: UM ESTUDO DA OBRA *TERRAS DO SEM FIM*, DE JORGE AMADO

Inajara Rosa dos Santos- UESC
inny_van@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho pretende discorrer sobre a representação, bem como identificar no romance *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, marcas que determinam os comportamentos culturais dos personagens e os identificam com determinados grupos sociais. Fundamentado nas concepções de cultura, representação, significação, identidade e literatura de Canclini (2000), Hall (2000), Bhabha (2003) e SILVA (2006), parte-se do pressuposto de que o romance citado revela o homem do campo, como sujeito que modifica sua maneira de pensar a vida no campo, bem como suas expectativas quanto ao trabalho neste espaço social, a partir dos mecanismos de representação presentes nas relações que estabelece neste contexto. Numa análise do comportamento sócio-cultural dos personagens, observam-se os processos de atribuição de sentido passíveis de investigação a partir dos sistemas de representação presentes nas experiências sociais vivenciadas pelos personagens construídos por Jorge Amado em sua obra *Terras do sem fim*. Tais fatores poderão configurar-se como reveladores de processos intensos de alteridade que influenciam a formação desses sujeitos durante a narrativa, comprovando, assim, a natureza híbrida e transcultural do processo de construção das identidades.

Palavras chaves: Representação. Identidade. Cultura. Literatura.

1. Introdução

Ao estudar a Literatura sob a ótica da representação, discutem-se questões relacionadas à identidade e à cultura no contexto ficcional que o autor da obra literária constrói. Em *Terras do sem fim*, os personagens são ali representados a partir do gênero, da raça, da sua classe social, dentre outras formas de representação.

Terras do sem fim, escrito em 1943, trata da luta dos coronéis pelo domínio das plantações de cacau da Bahia. Uma produção literária em que se relacionam prostitutas, latifundiários, jagunços, políticos, religiosos e lavradores, e em que os acontecimentos descortinam a formação cultural de um povo a partir do comportamento social de seus personagens.

Tais personagens e as histórias construídas em torno da sua realidade trazem à tona questões referentes à desigualdade e à desvalorização da cultura do homem do campo, ator de um processo histórico de ‘violenta desumanização de suas condições de vida, atrelada a uma realidade de injustiça e opressão’, Caldart (2004).

Neste sentido, entendendo que ‘é dentro dos sistemas de representação da cultura e através deles que nós “experimentamos o mundo”, ou seja, a experiência é o produto de nossos códigos de inteligibilidade, de nossos esquemas de interpretação’ (HALL, 2003, p. 171). Assim, questionam-se as diferentes maneiras de experimentar o mundo dos personagens de *Terras do sem fim*; suas expectativas, necessidades, sua opção pelos modos de vida, suas transformações culturais e sociais no desenrolar da narrativa amadiana.

2. A questão da representação em *terras do sem fim*

Ao trabalhar a definição sobre os sistemas de representação nos quais os homens e mulheres vivem, HALL (2003) destaca:

Althusser coloca viver entre aspas, pois para ele não se trata de vida genética ou estritamente biológica, mas a vida da experiência, dentro da cultura, do significado e da representação... Sempre precisamos de sistemas para representar o que o real significa para nós... Por “viver” Althusser quis dizer que os seres humanos utilizam uma variedade de sistemas de representação para experimentar, interpretar e “dar sentido” às condições de vida de sua existência. (p.171)

Partindo de tal princípio, a problemática que se nos apresenta é a seguinte: que mecanismos de representação e atribuição de sentido são passíveis de investigação nas experiências sociais vivenciadas pelos personagens construídos por Jorge Amado em sua obra *Terras do sem fim*?

Para proceder tal investigação, é necessário compreender que as relações sociais se estruturam independentemente da vontade dos sujeitos. Caldart (2004) cita as múltiplas identidades do homem do campo ao considerar que

O campo tem diferentes sujeitos. São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, assalariados rurais e outros grupos mais... são diferentes jeitos de produzir e de viver; diferentes modos de olhar o mundo, de conhecer a realidade e de resolver os problemas... diferenças que talvez já possam mesmo ser consideradas traços de nossa identidade. Somos a parte do povo brasileiro que vive no campo e que historicamente tem sido vítima da opressão e da discriminação, que é econômica, política e cultural. (p. 153)

Analisando os homens e mulheres, na maneira como Jorge Amado os constrói em *Terras do sem fim*, observa-se também a multiplicidade identitária de tais sujeitos, oriundos de diversos lugares e, portanto, possuidores de marcas culturais diversas.

...nem a luz de uma estrela brilhava para os homens recém-chegados. Vinham de outras terras, de outros mares, de próximo de outras matas. Mas de matas já conquistadas, rasgadas por estradas, diminuídas pelas

queimadas. Matas de onde já havia, desaparecido as onças e onde começavam a rarear as cobras. E agora se defrontavam com a mata virgem, jamais pisada por pés de homens. (AMADO, 2006, p. 35,36)

Tais sujeitos diversos (patrões, empregados, agregados e assim por diante) negociam identidades, se relacionam cultural e socialmente num jogo de interesses ambivalente, em que, segundo Bhabha (2003), o dominador negocia seu poder com o dominado. Nestas relações intensas, os indivíduos representam e são representados, e sua identidade será sempre construída a partir do olhar do Outro, levando-se sempre em consideração as conveniências sociais subjacentes nessas maneiras de enxergar e determinar comportamentos.

Observando a figura do Dr. Jessé em *Terras do sem fim*, compreende-se melhor esta questão da representação. Famoso por sua covardia, o médico ainda assim ocupa lugar de prestígio na região sul da Bahia.

...a covardia do Dr. Jessé era proverbial. E o que espantava era ele ser, apesar disto, um homem respeitado nas terras do cacau... Se alguma virtude era exigida a um homem para tentar a vida no sul da Bahia, na época da conquista da terra, essa virtude era a coragem pessoal... Homem que apanhava sem reagir, que fugia de barulho, que não tinha história de valentia para contar, não era levado a sério entre os grapiúnas. Dr. Jessé era a única exceção. (AMADO, 2006, p. 154)

Nota-se que o *status* de médico/doutor conferiu a este personagem específico um valor social que em outras circunstâncias não lhe seria dado naquele contexto específico. Médico em Tabocas, eleito vereador em Ilhéus, um dos chefes políticos da oposição, segundo o narrador, foi o único que conseguiu se sustentar no conceito público apesar de todos o saberem medroso. Confirma-se neste episódio a questão da negociação de identidades no processo de representação. Algo anteriormente atraente pode tornar-se repulsivo ou marginal, e vice-versa, de acordo com o discurso do dominador (de quem detém o poder).

Os processos de representação em *Terras do sem fim* revelam as duas dimensões centrais do conceito de representação presentes no que SILVA (2006) chama de “política de identidade”, a saber, representação como “delegação” e representação como “descrição”. A primeira dimensão diz respeito ao direito de representar o outro, às instâncias nas quais se considera necessário delegar a um número reduzido de representantes a voz e o poder de decisão de um grupo inteiro.

Já a segunda trata da maneira como diferentes grupos culturais e sociais são apresentados nas diferentes formas de inscrição cultural: nos discursos e imagens pelos quais a cultura representa o mundo social. Estando inevitavelmente interligadas, tais mecanismos revelam que ‘quem fala pelo outro controla as formas de falar do outro’ (SILVA, 2006, p. 34)

Sobre o comportamento fechado e sério de Raimunda, mulata que mora e serve à família Badaró, e sobre a possibilidade de casar-se e ir embora, Don’Ana decreta, na intenção de manter o dominado sobre seu jugo, “- Raimunda nunca há de deixar a gente. Ela tem aquela cara fechada, mas gosta da gente...” (AMADO, 2006, p.87)

Damião, outro personagem da trama de Jorge Amado vive o conflito entre como ele se vê, como ele é representado e como ele mesmo representa outros sujeitos do seu convívio social e lhes atribui valor. Matador de aluguel impiedoso, Damião entra numa crise de consciência ao ser questionado por Sinhô Badaró: “-Tu acha bom matar gente?

Tu não sente nada? Nada por dentro?” As palavras de Sinhô Badaró desencadeiam um processo mental em que o negro Damião revela a maneira como ele mesmo vê as pessoas e como elas o vêem.

Talvez se não fosse Sinhô Badaró quem houvesse falado, se fosse o próprio Juca, talvez ele nem ligasse. Mas Sinhô Badaró era como um deus para Damião. Respeitava-o mais que a Jeremias, o feiticeiro, que o tinha curado de bala e mordida de cobra. E as palavras tinham ficado dentro dele, pesavam sobre o seu coração, andavam pela sua cabeça. E traziam para sua frente o rosto branco de dona Teresa esperando o marido, repetindo as palavras de Sinhô Badaró, as palavras do frade também. Ela era meio estrangeira como o frade. Só que a voz do frade era cheia de raiva, anunciava coisas terríveis, e a voz de dona Teresa era doce como uma música. (AMADO, 2006, p. 66, 67)

Damião sempre se rira desse medo que algumas senhoras lhe tinham, até se orgulhava dele: era a sua fama que corria mundo. Mas hoje, Damião pela primeira vez, imagina que não fugiram de um negro valente. Que fugiam de um negro assassino... O frade disse que ninguém deve matar os outros, que é um pecado mortal que se paga com o inferno. Damião não ligara. Mas hoje fora Sinhô Badaró que dissera aquelas coisas sobre matar. (AMADO, 2006, p. 67)

Vê-se então confirmada a consideração de SILVA (2006), de que a representação é um sistema de significação, e o processo de significação é fundamentalmente social. Assim, a questão da representação é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela identidade. A demanda da representação estará sempre intrinsecamente relacionada à identificação – Isto é, ser para um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade.

3.Considerações finais

Em Canclini (2000), “a identidade é entendida como uma narrativa que se constrói; um relato reconstruído incessantemente e não uma essência dada por uma vez e em forma definitiva”. Tal aspecto é observável nas histórias construídas sobre os personagens na narrativa de *Terras do sem fim*, em que transformações de comportamento, caráter, personalidade, crenças e valores revelam processos intensos de representação e circunscrevem o processo de construção identitária como um fenômeno que está em constante movimento.

Ao tratar da construção da identidade de homens e mulheres oriundos de diferentes lugares, classes sociais e raças, Jorge Amado traz à tona questões sociais, políticas e ideológicas que abrem um leque de possibilidades discursivas. Tais discussões somente colaboram para confirmar a relevância de tratar do processo de construção da identidade dos povos do campo na região sulbaiana no âmbito da literatura, considerando a inegável propriedade com que Jorge Amado valorizou os costumes e a cultura da região cacauceira em suas obras, bem como a contribuição significativa de sua produção literária para os mais recentes estudos sobre cultura, identidade, linguagem e representação.

Referências

- AMADO, J. **Terras do sem fim**. 77ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006
- CALDART, R. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, M. CALDART, R. MOLINA, M (orgs). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Trad. de Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. Trad. Ana Regina Lessa, Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2000.
- HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- SILVA, Tomás Tadeu da. O currículo como representação. In: **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.